This interview is with a Guarani-Kaiowa indigenous leader, who was accused with three others of homicides that occurred in 2006, but found not guilty in 2019.

In this interview, he recounts the early history of area around Caarapó in Mato Grosso do Sul (the location of the interview). He refers to the progressive deforestation in 1950s/60s of an area that was “puro indio”; done by indigenous people but under contracts of “brancos”. (An interruption by third person mentions indigenous-black alliances and discrimination - p. 2.) He talks about how the SPI (the state indigenous agency) came in the early 1960s. He mentions processes of official registration as “indio” (p. 5); and how persecution began in earnest in the 1980s (p. 6); he refers to “brancos” as dispossessors, killers, etc. He talks of his experiences of attacks and shootings (8-9); he was imprisoned for his activities. He talks about Aty Guasu (a periodic festival), which he says his grandfather established (11); he talks about need for land (11-12). He talks about: loss of culture (and the process of “misturar”) (13); intermarriage with whites and sexual asymmetry (14); the youth of today; indigenous women who mix with white men and tend to stay in the aldeia, meaning there are “mestiço” kids around; one “Antoniel” who is a leader (15); and the role of religion (15-16).

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017.

Luciane – Como que é o nome do senhor?

XXXX- Meu nome original é nome mesmo, não é do mato, é original no Brasil se chama "Ahuagueguacay". É, esse aí é meu nome… Agora no nome já do branco já me chamaram XXXX. Porque meus avô chamavam é XXXX.

L – XXXX?

XXXX – É, era meus avô. Hum… aí ficou meu sobrenome como XXXX.

L – XXXX … Eu sou XXXX também, tá vendo como nós somos irmãos? (risos)

XXXX- (risos) Encontramo então. Encontremo então!

L – Meu nome é Luciane de XXXX Rocha.

XXXX – Ah, e o meu é XXXX, né?. É… Então é parentem né? Mas nós é tudo parente mesmo…

L – Antes do Branco botar esse nome nós já éramos parentes… Isso aí... Então tá

XXXX – Nós eramos parentes, isso é verdade. Tá. Então vamo começar. É… A minha, a minha… conhecimento aqui na nossa região do Mato Grosso. Aí "comeci", conhecer já em 1930, De 30 pra frente já fui 40, é... 40 fui 50, 60, 70, 80. Até na 80 dá pra mim explicar ainda as coisa que era como, o , o… pra trás, né? Agora de 80 pra frente, aí já começa a misturar tudo as coisas… Mistura, eu digo assim, porque a sociedade é já mais avançado… A sociedade já é mais, não é? Já é mais perto dos índios. Aí começaram os índios a se envolver também com o caminho da sociedade, né?

L – Então vamo começar do começo. Como é que era lá nos 30…

XXXX – No primeiro… no e… Aqui que Mato Grosso, ou pode ser aqui no Município. Eu fui nascido e criado aqui em Caarapó, Aonde que eu tô morando agora, né? Lá morreu meu pai e minha mãe. Na… em 1940, lá como dizem: Era só mato! Do Rio Paraná até aqui em Sacapitá era só mato! Não tinha ninguém moradia. Tinha Moradia mas era só os patrícios… Só índio né? Tudo índio. Naquele tempo não tinha estrada… A estrada era o Rio. A gente pegava a canoa, a gente fazia… Hoje se chama canoa, naquele tempo nós chamava era Caxivél, né? Nos tinha o Caxivél… A gente vinha, subia pra cima remando, né? Tá. Aonde que tinha… é…. Aonde que tinha a … Como digo… O, a cachoeira. Lá nós descia e tirava, não é? As cachoeira pra fora, a cachoeira…

(interrupção em Guarani entra terceira pessoa na conversa…)

P - Tá bom?

L – Tudo bem!

P – Sabe quando eu vejo você, você que falou que veio de Brasília? Representando a população negra? Eu tive ano passado mesmo parece... no meio do ano passado… Eu tive numa oficina popular lá em Brasília. Tinha trinta… trinta representação lá. Aí eu fui representando o Atiguaçú como… Daqui do Mato Grosso. Movimento Indígena, né? Eu fui lá… me chamaram lá e eu tive que ir. E aí, só que quem promoveu lá foi o… O Ministério da Saúde. Aí mas tinha trinta organização… Mas foi bom. Eu acho que nós tem que fazer assim… Nós tem que se agarrar um com o outro. Porque negros e índios sempre foi muito descriminado, e a gente tem que mostrar pra sociedade...

XXXX – Tá, tá! Índio tá discriminado ainda!

L – Isso…

P – E eu falei assim lá. É precisa ponha um deputado federal, ou seja senado federal, negros e índios lá no congresso, lá no Supremo Tribunal Federal. Po, por que não pode isso, se na Constituição não fala nada de que os índios e negros não podem fazer isso?

L – Não pode, é… Verdade…

P – Concorda?

L – Concordo…

XXXX – Obrigada, muito obrigado pelo trabalho que você fez para nós conhecer dois dia pra três dia da… Deus acompanha vocês. Deus vai dar mais ainda para nós!

P – Aínda peço desculpas porque não, não, não teve melhora porque… Eu acho é que ninguém pode reclamar dessa chuva… É coisa natureza. Que Deus mandou pra nós. Nós precisa comer carne, nós precisa tomar água! Então não pode reclamar ninguém!

(todos falando juntos)

XXXX – Fica com Deus e Deus está junto com nós.

P – Com nós! Deixa eu ir lá…

XXXX – Tá bom, tá bom! Então…

L – Aí você tava falando da cachoeira…

XXXX – É! Aí a gente passava na… É tirava o… o Caxivél pra fora da água né? A gente arrastava. Passava o cachoeira outro pra cima do cachoeira. Havía uns 1000 metro mais ou menos aí já começava a subir dentro do Caxivél. Aí a gente remava aí pra cima, tá. Assim que era nosso caminho naquela época, né? Foi em 42, 43… Então a gente vivia daquele… Quando foi 47 mais ou menos pra 48, já começaram a abrir a estrada daqui… da Zacapitá, começaram a abri com o machado… Trançador?… Acho que não sei, não conheci aquele trançador que a gente corta a madeira. Ele é um tipo de serrote né? Então agente faz com aquele lá. Né? A gente cortava… derrubava a madeira, a gente cortava com o machado a madeira e abria… cavucava com picareta… enxadão, né? E aí derrubava aquelas árvores e cortava os galhos com o machado… aquilo mais grosso a gente cortava com o trançador… O Trançador que é como era… É… Hoje não é mais trançador, hoje é motoserra, né? Tá. Então fomos abrindo a estrada. Assim… Tem um rio que chama rio Amambaí. Na beira do rio Amambái fomos abrindo um pica… Um picadão grande! Largo… Lá pra passar carreta… carreta de boi. Carregando esse produto assim… esse produto é duas coisa. Levava… naquela época chamava erva, era mate... erva de tomar mate, é? E hoje não, hoje você não pode mais chamar erva, porque é proibido…

L – É hoje e droga, né?

XXXX – Já é outras coisas… Se falar erva é outras coisas né? Então essa parte aí nós… Nós não… Era o pai, era tio… Vários os parente que começaram a fazer essa estrada, né? É, fizeram essa estrada. Tá. Aí começou... É foi 48 pra 49 pra 50. Aí começou a chegar os karaí, os brancos. Lá no barranco do Paraná, mas não é do lado de cá, é do lado de lá. Aí quando... aí já começaram a fazer um tipo de uma vila, como essa aqui, aí foram abrindo foram desmatando, foram derrubando com o machado, foram derrubando com o trançador… (inaudível) tá. Aí plantava era milho, arroz, feijão. Quando colhia tirava toda aquela plantação. E já colocava é… como é que a gente fala é… o colonhão... é colonhão. Colonhão aí né. Essa aí chama colonhão. Essa aí. Aí já colocou, o fazendeiro já colocava. E depois que tá formado, aí já colocavam as vaca, né? As vaca, os touro, daqui a mais um tempo aí já virava pasto já, vernada, né? A onde que plantava. Aí no outro ano mandava derrubar mais ainda! Foi indo, foi abrindo daquele jeito. Foi em 48, né? Foi aqueles irmãozinho branco que veio morar do outro lado do Rio Paraná. Não é do pra cá. Aí quando foi em 52 aí fizeram o tal de Barça, passava na Barça. É… naquele tempo usava era Barça é um cabo de aço dessa grossura mais ou menos. Cabo de aço. Com aquilo atravessava do outro lado do Rio e naquele lá ele punhava uma roldana desse tamanho assim mais ou menos. Colocava aquela roldana, e, mais o outro apoiava e chamava era Barça. Então, quando aquela barça passava pra lá e passava pra cá, né? Aí foram mudando já… aí é pra 51, 52 aí já começaram a passar o Rio. Passou o Rio Paraná. Então já começaram a passar né? Pra cá. Aí já começaram a fazer a casinha, fazer a roça… Já começaram, né? Tá. Foi indo, foi indo, foi indo… Quando foi 56, 53, 56 mais ou menos 55. Aí já começou... Já chegou mais outro grupo. Já não morou mais do lado de lá do Paraná. Já morou tudo pra cá, passou tudo pra cá.

L – Hum… pro lado de cá…

XXXX – Do lado de cá… Aí já foram abrindo aquela floresta que era na beira do Rio de fora afora, foram derrubando, foram destruindo. As madeira já foram serrando, já foram vendendo. É… começaram a destruir, como dizem. E o índio, naquela época era milhões de índio! Morava lá mas não fazia aquele tipo, né? Ele não vendia pra ninguém. Deixava lá aquelas madeira em pé. Aquela floresta em pé. Aí começaram. Começaram a derrubar e fizeram o maior… como diz é… A destruição na beira daquele rio, na base de 2 mil metros mais ou menos de largura, né? Aí começaram abrir pra cima e pra baixo e pra baixo começaram a abrir.. Oi. E nessa, nesse, nessa derrubação… quem derrubou não foi o branco. Quem derrubou foi o próprio nosso tio, índio.

L – Ahmm…

XXXX – É, ele mandou roçar…

L – O branco contratava?

XXXX- Contratava… Naquele tempo o dinheiro… Não era dinheiro não. Naquele tempo não era dinheiro… Era a troco de comida. É… A comida sabe o que que era? Era canjica… Arroz não. Era canjica, o feijão… É não era desse feijão agora. Era um outro tipo de feijão aquele lá acabou também. A banha não era também não era também óleo como hoje. Não é, não era de porco. Hoje é… naquele tempo, naquele tempo era pra… como é que é o… Era banha e vaca. Aquele fritava… Não tem esse latão aqui? O tipo… o tipo, o tipo dessa latão enchia de banha de vaca, né? Enchia e banha de vaca, aquilo lá vendia por quilo. Mas não é no dinheiro… É a troco de serviço, né? É. Aí vendia… Ia lá uns 200, 300 mais ou menos índio trabalhava pra ele lá. A troco da comida, né? Ele matava com os boi, ou morria com os boi, ou vendia com os boi. Assim que foi vivendo nossos pai, mãe, tio, tia… Foi trabalhando… trabalhando daquela forma. Trabalhava também… a Mãe da gente trabalhava… a troco de comida. É. Não era nem roupa. Era a troco de comida.

L – Sei…

XXXX – Aí eu fui, fui vendo. Aí eu fui crescendo. Aí eu já fui é… enxergando mais melhor não é? E quando foi 58, mais ou menos 57. E já começou a aumentar. E abriram um bulixo (?) muito grande, abriram, sabe? Um bulixo muito grande foram abrindo na beira do barranco do Paranazão. Aí começaram a abrir esse tal de armazém lá. Tinha de tudo! Aí já começaram… Foi… Aí foi abrindo, foi entrando pra cá, foi entrando pra cá. E aqui os irmão… aqueles parente que morava naquele lugar… no primeiro tempo, nos primeiros anos não cortaram. Só que deixaram formar primeiro, né? Depois de formar, aí já falava pro nosso parente: “Vocês… Vocês tem que sair, embora daqui… A terra eu comprei.” Comprou de quem? Não existia…

L – Dono! Veio aqui antes

XXXX – Dono é… Foram embora, mas já tava formada a fazenda dele, né? tá. E assim que nós fomos vivendo naqueles anos trás, naquele tempo. Quando foi 1940, 1950. Fomo vivendo daquele… Quando foi pra 60, aí chegou… é o tal de... Um senhor que chamava General Rondon. Esse general Rondon que começaram a medir cada pedaço como hoje tá. Do Porto Lindo, Sansonora… Não era Sansonora que naquele tempo chamava. É… Ramada. Itapotí era Mamai… Outro era Itacoapiri. Depois foi o…. Dourado… É o Dourado chamava é Idiaixápiru, depois o último foi Camuruçú, é o Panambi. Hoje é Panambi, né? Ninguém mais conhece por Camuruçú. Aí foram dando. E aqui na na na na na, no Barranco do do do Paraná tinha uma aldeia muito grande. Lá vivia há muitos anos já, o índio lá nasceu se criou né? Todas aquelas parentaiada da gente, era do pai, era do mãe né? Ta. Aí quando veio, quando veio esse… Já criando meio tipo de cidade, aí já começaram tirar. Os índios já começaram empurrar o índio é… de lá da aldeia dele, né? Essa aldeia chamava Pindoguaçuti: Pindo-Guaçuti. Colônia Pindoguaçuti. Era essa aldeia chamava né? Tá. Aí foi, foi, foi, foi. Tiraram tudo. Quando foi pra 60 mais ou menos já tiraram tudo. É… Aí já começaram a criar, a plantar, derrubar. Aonde que era a aldeia mesmo, começaram a derrubar e plantar é… café. É. Não sei quantos anos mais ou menos o café nos 60… mmm muitos anos o café existiu. Aí veio aquela… aquele frio, frio, geada! Matou todo aquele cafezal. Aí á começaram a vender, né? Aí começou a vender aquela...aquela

L – As terras, né?

XXXX – Aquelas terras. Começaram a dividir e começaram a vender. Então foi assim que a nossa vida, vivendo… Foi assim que nós já começemo já pensar bastante (inaudível) O índio… Será que nós... Quem tá vendendo? Nós culpemo foi o General Rondom, né? Eu não sei que se foi o General Rondom ou não é, né? Mas antes de chegar o General Rondom a terra já tava dizendo que ele tinha comprado. O índio morava naquela terra, aí falaram pro índio sair de lá né? É retirar, ir pra outro canto, né? E foi indo. Nessa região pra cá, na região que vai até no rio Briante. Quando foi em 60 assim… em 50 pra 60. Quando foi pra 62 mais ou menos, já começaram a criar o tal de SPI, acho que era. Que a lei, né? Como hoje, pra dizer FUNAI, né? XXXX... tal de SPI. Então SPI como veio o general Rondom, SPI já começaram é… é… começaram a fazer cartório, escritório, assinar na aldeia pra (inaudível). Pra ele já começar… identidade, registro de índio… pra registrar. Eu mesmo, eu mesmo… vou dizer bem a verdade. Eu mesmo eu não fui… Mas tiraram meu registro na metade dos meus anos, né? Na metade dos meus anos….

L – Então o senhor não tinha…

XXXX- Não tinha… Mas aonde, aonde que você ia tirar também!? Não tinha né? Era tudo mato, né? Não tinha nem pra onde… A cidade daonde? Não tinha cidade como hoje! Hoje tá aí a cidade, é… tudo encostando no outro, mas naquele tempo era só floresta, né? Naquele tempo era só mato… Mas só que nesse floresta, nesse mato tinha, tinha… É produto de Deus, porque aí tinha nativo. É… laranja, é cana, é banana…. É tudo as coisa que fruta existiu nessa terra aqui, é a plantação de Deus, aí o índio tava aproveitando. Aí quando foi chegaram esses homens de longe, né? Aí começaram a desmatar. Aí já começaram a desmatar. Derrubar e e desmatar. Aí quando foi 70 mais ou menos, aí já começou a besteira. De primeiro em 50 até 70 não mexeram ainda com campo assim, aonde que tem… vira, aonde que não tem mato, né? (inaudível, tosse) Não começaram a mexer, né? Aí começaram, né? Aí na..

(Voz ao fundo diz alguma coisa… Silêncio)

XXXX – O que que ele viu?

L – (Risos) ele viu o gravador… Eu ia parar! Ai Ai...

XXXX – Então, aonde que foi o nossa luta, desde aquele… desde aquela vez que entrou a sociedade branca, e já começou a trabalhar, pra nós já foi difícil a nossa vida… Pra nós já foi já difícil eu digo assim porque aí já nós trabalhava como escravo. Já escravo não é? Pra nós pra trabalhar em troca de milho e nós já tinha o milho antes de… nós tinha o milho! Depois que vieram, não deixaram mais trabalhar, queria que a gente trabalhava só pra ele, né? É pra ele né?

L – Aí vocês perderam a semente, né?

XXXX – Aí perdemos foi tudo! Perdemos foi tudo. Mas só que a escola… não tinha escola. A escola que nós tinha é só do pai, da mãe, dos avô e do tio, né? Qualquer coisa assim juntava o tio mais aquele grupo e falava com as pessoa que já é adulto, né? É. Tá. Aí quando foi naqueles ano. Naqueles ano que eu digo, assim… quando foi em 70 mais ou menos. Aí já começou, veio fazendo o registro, veio fazendo identidade, veio fazendo várias coisas… Mas só que fizeram tudo errado, né? O mais velho foram fazendo pela metade, né? Agora, o mais novo, que naquela época que ele nasc… Naquela época que ele nasceu não… Fizeram mais ou menos, né? Fizeram quase do dia que aquele criança nasceu, quando tinha dez ano, onze ano, mais ou menos. tá é…. mas só que como digo… Hoje porque que trocaram? Então não podia nem fazer o registro. Deixava daquele jeito, porque né? Porque hoje, dizendo, tem que ter identidade, tudo civilizado né? Do civil. Sem registro civil nada se faz, né? Então essa parte tá desse jeito. Aí quando foi 80 mais ou menos, aí teve perseguição. Aí começaram a perseguir mesmo. Aí já foram tirando na marra índio da aldeia dele, onde que tava morando, né? Na fazenda… Na fazenda não, na aldeia dele né? Agora considerando o branco dizendo que ele tá na minha fazenda né? E aquele lá já foram já tirando já na marra né? É… Já expulsaram né? Já começaram a expulsar… Aquele que não queria sair mataram… Porque aqui no Passo Piradiú,[[1]](#footnote-1) lá eu nasci e me criei. No Passo Piradiú. Lá eu nasci e me criei. Lá morreu meu avô, meu pai, meu tio, morreu todo mundo lá. Tá. Aí, quando… no dia em que nós ia… pra deixar a nossa aldeia Passo Piradiú. Aí vieram, depois já tá tudo formada a fazenda, a terra… que era nossa né? Aí falara mais com o pai, mais com os outros. Pro… (interrompe para escutar a fala que está ao fundo ao microfone).

L – Você quer ir lá escutar?

XXXX – Não, não, não, não… Se quiser a gente para e depois continua…. Não, vamo logo porque lá quando precisa a gente vem correndo… Ta.

L – Então tá bom…

XXXX – Lá muita coisa precisa de mim, né? Eu fico esperando ele… querendo a informação, aí (inaudível) procura a gente. Tá. Aí quando foi lá naqueles ano começaram a tirar. Quando foi Sessenta… Setenta mais ou menos já começaram a perseguir mesmo o índio… Foi tirando. Já foi tirando aquela região do do do, do Paraná… Aí foi naquela região do do do do, do Viema (audio do microfone mais alto do que a fala de XXXX… praticamente inaudível). Foram trazendo tudo. Desse do Paraná, começaram a levar os patrício do Porto lindo, no Sosoró e na… Como é que é? É o… aqui, como é que chama? Guapira (???). Então essa parte aí… e, e, e, o índio. Como se diz aqui na assembleia… Ninguém tem aquela informação… Como vai ser, como não vai ser… Agora o branco já tem a informação, né?

L – É…

XXXX – Porque aí já tem a comunicação e a informação. Quando ele vai tomar, quando ele vai tirar, quando vai fazer qualquer coisa, ele já tem a informação. Essa parte aí que nós não tinha, até hoje nós não tem ainda! Agora, muita gente fala que tem, mas nós não tem não… Agora o branco tinha a comunicação, rapidamente… Hoje ele, não, é… Hoje ele tem vereador…. Naquela época já existia advogado, né? Quando ele vai tirar a terra do índio, começa a jogar advogado dizendo que era dele, não sei o quê. Até eu sei que até que, eles toma a terra do índio. Então essa parte aí, sempre… nunca acaba! Sempre tá continuando. Agora é mais ainda… Eu mesmo fui preso, não é?

L – Mas por que que o senhor foi preso?[[2]](#footnote-2)

XXXX- Ó, eu fui preso (inaudível) no Passo Piradiú. E a pessoa que tava lá, o tal de… Eu esqueci o nome do fazendeiro… A… já morreu. Aí ele falou assim: “Eu não conheci o índio aqui na minha fazenda.” Mas claro que ele não conheceu o índio! Ele já comprou já a fazenda formado… Depois o índio já não tinha mais nem o osso não existia mais… Aí que ele comprou essa fazenda… Já do outro, né? Então eu conheci a fazenda lá, a nossa aldeia, nossa família. Eu conheci, eu nasci e me criei lá, né? Então (inaudível) eu tinha conhecimento da minha, da… o meu aldeia lá onde que moravam meus pais, mãe, meus tios… Toda a parentaiada, né? Então hoje… Hoje como dizem, falaram: “O XXXX não morou! O XXXX tá mentindo...” Não… Quando foi em 50, quando foi em 50 eu já tava quase formado! Já tava um gurizóte, já… Já sabia todas as coisas, sabe? Então aonde que… Não existia o branco… Ainda, naquela época, né? Qual é… Qual é? Qual é o branco que era morar mais perto? Não tinha! A roupa que a gente usava, era roupa do, da roça… Era do algodão. Então aí fazia aquela, meio tipo dum… dum.. Acho que você conhece do pelego, do carneiro… A gente não faz tipo uma "chepa"? Daquele tipo aí, fazia… Fazia pra usar como… a roupa aquele lá né? A mulher tinha, um metro, um metro e pouco, mais ou menos Aí amarrava na cintura. O hoje também não muito… usava o que? usava só um tanguinho né? Naquela época. Então aí como dizem. Chegou o ponto em que nós, quando foi de 60 pra 70 aí já começemo… Chegou, eu digo assim… Mais já a violência do branco, né? Aí já começaram a matar, começaram não é … Se o índio não quer sair da, da fazenda ou o índio começa a dizer: “Não! Isso aqui é a minha aldeia! Eu nasci e me criei.” Aí o fazendeiro começa a juntar pistoleiro, né? Aí já (inaudível). Como Passo Piradiú, Passo Piradiú chegou dizendo pro meu avô: “Ó, pega seus filhos, seus netos… todos os seus parentes… tira daqui, porque eu não precisa mais de vocês…. Não precisa mais trabalho de vocês… Já tá formada a minha fazenda. Agora eu ponho minhas vaca.” Aí começaram a ir lá avisar meu avô. Aí avisaram três vezes. Aí quando tá avisando falou: “Hoje é o último. Agora nós vamos vir só matar todos vocês” Aí o que que fizeram. No final a mãe era muito assim, tinha, tinha assim… tinha dó né? Aí falou pro pai: “Vamo embora? Vamo deixar...” Aí o pai: “Como é que eu vou fazer… (inaudível) de roça? Nós temos arroz, nós temos milho, temos todas as coisas que é um sacrifício nós plantamo, hoje tá formado… Como é que vamo deixar?” A mãe falou: “Vamo embora… Se você não vai eu vou embora...” E pra onde nós vai? Pro Teicoê… O Teicoê já tava formado, né? Já tava pronto o Teicoê né? Aí fomo pro Teicoê antes dele chegar… quando passemo o rio, o corrego, aí mm escurecer… Aí começaram… Aí os avô falou: Vamo fazer fogo aqui. E vamo dar uma pescada no rio. Caçar o peixe, quando amanhã levamo o (inaudível). Aí moça do céu… É um tiroteio, tiroteio, tiroteio… que Deus me livre… Tiroteio… Hoje tá lá… mas mesmo assim eu voltei de novo. Aí quando eu voltei já vieram me perseguir… Eu era uma pessoa perseguido já, né? É. Tá. Aí quando foi aconteceu aquilo lá dizendo que eu que mandei matar os polícia… Mas não é polícia… Naquele tempo não é polícia. É todo jagunço. Todo pra dizer é… todo comedor do fazendeiro, porque é tudo é jagunço né? A gente não sabe se ele tava ganhando bem ou se tava trabalhando a troco de outras coisas pra…

L – E eles utilizavam negros como jagunços, ou era branco?

XXXX – Ó, quando ele chegou não falou que era jagunço. Falou que era polícia civil, né? Como polícia civil… mas só que o carro era… carro particular… O carro que prenderam com a maconha que tava parada não sei quantos meses. E raspado o chassi. Com aquele lá que ele foi pra prender… Não é prender eu, é prender não sei quem… Mas não tava sabendo quem que ele ia prender, né? Aí, chegou lá na aldeia procurando pra nós dar informação pra ele né? Ele não foi procurar informação pra ele, ele foi toda sexta, sábado e domingo ele dava tiro. É tiro, tiro tiro! Não era de fogos não, era de arma pesada… E sempre a gente não enfrentava… Nesse dia o que aconteceu… Aí eu levei o morador, vieram do Paraguai… Não é do Paraguai é da fronteira, mora lá o patrício. Até hoje tá la morando, né? Aí vieram em casa e falou: “Eu quero mudar pra cá. Esse lugar é muito bom, eu quero mudar pra cá.” Depois que ele mudou, ficou morando na base de mais ou menos… (pessoa chega e ele começa a conversar em Guarani).

Então… Ela tá falando que o rio tá lá… Ninguém vai passar lá… Tá pra fora…

L – Ih, já era…

XXXX - Só com três dias que abaixa…

L – Não fala isso não… Como é que eu vou embora?

XXXX – (inaudível) Essa aí é minha irmã! Essa aqui é minha irmã mais nova de tudo… Quantos anos já tem? Aquele que tava aqui, aquele é meu cunhado Jorge. Jorge é daqui mesmo. Agora ela é já do… Do Dourado, né? Quando foi… Casou e veio pra cá, né? Tá. Aí vamo continuando o nosso causo… Aí quando chegou o dia… quando foi o dia de é… como é que é… A gente fala é… dia de finados… Não, não é dia dois de… Março, Abril. Junho, Junho, Setembro, Outubro, Novembro… Acho que era.. não me, não me lembro muito bem… É. A… Aí já tava tudo escurecendo. Aí eu falei pra minha mulher: “Eu vou pescar. Quero pegar hoje eu (inaudível). Eu quero comer dourado assado. Tá. Aí, fui, peguei o meu anzol e fui. E fui sozinho. Comecei a jogar. Daqui a pouco eu vi… o dourado vai, pulou no meu anzol, na base mais ou menos desse tipo o dourado. Aí tirei pra fora. Quando tirei pra fora escutei aquele tiroteio. É tiro, é tiro! Quando foi o dia quase escurecer, gritou. A minha filha gritou: “Pai, pai, pai! Vem que já tem morte”. Daí peguei aquele dourado e joguei (inaudível). Aí eu cheguei tavam tudo chorando… “Foi meu irmão, foi meu irmão que morreu (inaudível)”.

L – Filho do senhor?

XXXX – Falaram lá… a minha filha né, mas não… era outro. Era o branco que morreu, né? Aí cheguei lá, aí falei pro branco… falei pro padrinho, irmão: “O que que vocês fizeram? (inaudível). “Nós saímos aqui na frente, o branco tava. Ele atira, atirava em nós. Aí quando começaram a atirar de nós pra matar.” “E o que vocês fizeram?” (inaudível). Nós cortamo o braço dele assim e cortaram. Cortamo o braço pra tirar a arma dele lá, o revólver dele.” “Mas e daí, como é que você vai cortar aqui pra você atirar” Aí falou. É era última, o revolver dele era 38, tava carregado de munição também… aí quando acabaram de dar tiro, com, com a pistola. Eles correram lá e pegou… quando ia entrar, quando entrou dentro do carro assim pra pegar, aí eles correram e apertaram a (inaudivel). Aí virou e deu tiro, quase que pegou na (inaudível). Aí apertaram e começaram a cortar aqui com aquela faquinha de cortar pão, né? Pra derrubar o revólver, né? Então aquilo lá que matou. Aquilo lá que sangrou bastante e que morreu… Agora o outro, não é o índio que matou, foi o próprio, foi ele… Foi ele que morreram. Foi ele mataram. Se mataram. Aí quando eles… saiu o companheiro dele da da do revolver, do, do, do coisa. De lá de dentro do carro. Tava os dois, Daí saiu, o Paulinho falou, saiu… ao invés de ele atirar no, no… em nós, no que fala em nós… Ele atirou nele, no companheiro dele lá, por causa dessa que que quebrou tudo o companheiro dele… E morreu assim, sabe? Não foi o índio que matou dois, foi só um que morreu, né? O índio cortou só o braço dele… Tá.

L – Hoje ainda tem muita perseguição?

XXXX- ah?

L – Hoje ainda tem muita perseguição contra indígena?

XXXX – Agora se eu ir lá morar, se eu ir lá tem. Tem pela polícia mesmo, né?

L – Na cidade?

XXXX – Não, não, na cidade é... não tem, agora tem no é.. Rio. Lá vai como polícia como pescador, sabe?

L – Sei..

XXXX – Isso, assim que… viva assim... pra por causa disso que eu saí, né? Por causa disso que eu saí de lá e fui morar em Carapó, no Itaguá né? Por causa disso… Porque eu não queria mais apoiar ninguém no compromisso, né? Então essa parte assim, como aconteceu esse fato lá no Passo Piradiú, né? E aí me prenderam, me levaram pra cadeia, me judiaram bastante… Foi eu que mandei matar, foi eu que mandei fazer essas coisa… Olha, me deram o maior (inaudível), um barulho que Deus me livre… Então essa parte aí que eu não sei como é que eu achei é o filha e filho de Deus que pra eles me tirarem da cadeia…

L – O senhor ficou preso quanto tempo?

XXXX – Eu fiquei um ano e seis mês. Sem visita, sem ninguém! Num me… nem nada me levava. Só me levando comida que foi feita na cadeia, bem feito misturado com veneno pra me matar… Só que eu não comia aquele lá sabe? Comia a outra bóia dos irmão, que sobrava eles me dava…

L – Ah, entendi…

XXXX – É assim que eu vivia na cadeia… Pra não morrer, agora, aquilo que levavam pra mim eu não comia.

L -Não comia…

XXXX – Não, não comia não… Mas de jeito nenhum… Porque me já avisaram que não era pra comer, porque já prepararam daquele jeito pra eu… me matar né? Mas graças a Deus. Deus é grande e hoje eu to aqui… Hoje eu to aqui trabalhando de novo com os irmão, ajudando os irmão. Né? Na paz da demarcação. Porque já não gostavam de mim porque eu vivia trabalhando desse jeito, né? Não é que eu sou criticador de terra, não é! Eu conheço, desde criança eu conheci a terra onde que eu morava… Os irmão, os avô dos irmão, os tio dos irmão. Então eu conheço tudinho da região, sabe? Então por causa disso quando me pergunta, eu conto direitinho. Por que que eu vou dizer não? É… Pro fazendeiro eu não dou uma xícara de terra. Não! É… aqui no Pirakuá mesmo… no Pirakuá, nós trabalhava, eu trabalhava bem aqui… é… com um paraguaio aqui eu trabalhava. Eu levava, eu puxava (inaudível). Várias coisas eu puxava, né? Aí me falava que o Pirakuá não é mesmo fazenda. É. Aí eu vim aqui, um dia eu vim aqui… Eu achei o finado Jacinto, lá no (inaudível). Aí eu cheguei lá dia de semana. O fazendeiro não tava, tinha ido pra Dourado. Ai eu cheguei… Cheguei aqui né? Cheguei e começou a me contar. Aí eu fui falar pra ele, e falei: “Eu vou falar com meu avô e ele…Agora se ele quiser te ajudar eu vou falar pra ele”. (inaudível). Aí eu fui naquele semana eu fui. Eu fui lá pra casa do avô, né? Aí comecei a contar pro avô. Falei: “Vô, é assim, assim, assim...” “Ah eu ajudo sim. (inaudível). Pirakuá é do índio!” Aí eu vim, eu vim falar de novo pra ele. Eu fui lá conversar com o vô. Eu acertei lá tudinho pra ele… Como é que era, como é que não era… Porque o avô também trabalhou nessa região aqui, né? Conhecia tudo, né? Aí então aí falou pro finado Jacinto, pro finado Gentilo, mais outro, outro. Falou: “Não, aquilo lá e de vocês. Não é de ninguém, é de vocês.” Ah… aí começaram, né? Começaram a trabalhar…

L – E como é que começou a Ati guaçú?

XXXX – Ahm?

L – A Ati guaçú começou quando?

XXXX – Começou daqui. Aqui mesmo. O primeiro que começaram… nós entrar outra vez na nossa aldeia. Foi aqui mesmo. Foi aqui que começou, aqui que criou o Atiguaçú também. Aqui no Pirakuá. Aqui no Pirakuá. Daqui que saiu… Como diz começou a andar pros irmão voltar outra vez dentro da área dele, né? Foi daqui né? Foi daqui…

L – Aí como é que foi? Vocês se reuniram aqui, tiveram essa ideia?

XXXX – Não se reuniram primeiro foi em Dourado, né? É, todos os patrício se reuniram em Dourado. Aí começaram. Começaram a trocar ideia pra entrar… Quando vai entrar, né?

L – É, como vai fazer a retomada das terras…

XXXX – É, retomada… O primeiro retomada... como nós ia fazer, né?

L – Entendi…

XXXX – Quem deu a ideia foi lá do meu avô, que ele é o Leonardo, né? Foi ele que deu a ideia. Aí começamos a trabalhar com aquela explicação do velho, né? (inaudível) Graças a Deus, nós entramos, não morreu ninguém. O pessoal daqui também não morreu ninguém. Aí agora morreu sim, já de velho, sabe? Assim… de arma de fazendeiro nenhum morreu… É… foi tudo em paz. A só que o fazendeiro trouxe os pistoleiros… Era mais de cinco mil (inaudível). Tava cheio, cheio! Mas graças a Deus não aconteceu nada. Tomemo de novo a aldeia pros irmão voltar, é… na aldeia dele, né? E hoje tamo aqui né? Começemo o final da reunião. Desse ano o final vai ser aqui, porque daqui mesmo começou né? Atiguaçú, né? (inaudível) Essa parte a gente tem… Esse Atiguaçú começou a trabalhar… começou a sair mesmo daqui de Pirakuá, né? É foi assim a nossa luta desde aqueles ano, né? Foi pra frente. Pra frente agora eu não posso mais explicar porque eu não sei como é que a gente vai… (risos) vai…

L – Como é que o senhor vê esse histórico de luta, desde Atiguaçú começou quais foram os ganhos… qual avaliação você faz desse movimento?

XXXX - Olha, eu vou dizer assim… Eu vou dizer assim… É aquilo que… aquele que já ganhou. Aquele que já tá dentro como Pirakuá, Jaguapiré, Paraguaçú, Sete Serro (?), Maraguatú, Jaguarú… Aquele que foi tomado naquela época. Tá. Então a gente já foi vendo que tem muitas coisas que, não é? Que já deu tudo certo por Atiguaçú. Por o trabalho do Atiguaçú, já foi ganho essa aldeia, já foi ganha essa área aqui. Nós devolvemos pros irmãozinho que é aonde que nasceu, aonde que se criou, né? Então a gente continua… A gente tava continuando, não vai acabar. Essa luta do Atiguaçú, essa assembléia nossa, nós não vamo acabar. Nós vamo continuar até, até o último dia a gente vai continuar mesmo… Nós não vamos deixar, como dizer… Parado. Porque nós precisa da nossa terra. Nós precisa da nossa terra pra nós trabalhar. Nós precisa da nossa terra pros nossos irmão morar. A nossas netos morar. Nossa filho morar… Então a gente precisa… E cada aldeia que nós entremo é pouco. O que que é? É 3 mil hectares, 5 mil hectares, 10 mil hectares, 20 mil hectares… É… aí…

L – Comparado ao que tinha antes…

XXXX – Nossa senhora… E também quarenta e pouco. Eu não sei. Quarenta e não sei quanto, é… mais ou menos, população tem hoje no Mato Grosso. Toda essas criança. Essas menina, essas menino crescer, se vão casar, vai produzir filho, vai ter filho… Aonde que vai morar? Agora não, o fazendeiro não, o fazendeiro tem dois, três fazenda… Milhões, milhões, milhões de fazenda. O Passo Piradiú, do outro lado. Só o já tal de Jacinto, acho que um velhinho… tá na cama já de velho agora seus filho que tá lutando. Aquele lá do Passo Piradíú a fazenda de vizinha vai em encosta, acho que você conhece… Fátima do Sul. Ela encosta na Fazenda dele. Um só! Um só. Eles falam que ele engora, o boi dele na fazenda dele, o boi e vaca ele engorda 5 mil.

L – Nossa…

XXXX – Cinco mil. Olha… tem que ter uma terra grande pra criar, pra engordar, pra tratar um boi. Cinco mil boi! Fazer o que né? Aí fi quemo sabendo que só o Jacinto the 60 fazenda aqui Brasil... aqui no Mato Grosso… É… No Paraguai também acho que três ou quatro ele tem.

L – Que isso… que isso!

XXXX – Aí. Só ele sozinho… O índio não. O índio quando ganha uma terra… Se ele voltar dele… dentro da aldeia dele, se tiver cinco mil índio é todo dono daqual terra lá que ele ganhou, né? Tudo é o dono daquela terra. Aí se tiver cinco mil, é cinco mil pessoa é o dono daquela terra, mas a gente não sabe quanto, o tanto… se na lei você vai dar… Ou vai ficar como Chácara, ou vai ficar como data, quanto vai ficar pra aquele cinco mil. O fazendeiro não, o fazendeiro sozinho… olha quanto o fazendeiro tem… Só um! É então… toda essa aí que a gente… a gente vê né? A gente enxerga, a gente já sabe né? Então essa parte aí que eu quero… Né?

L – E quais são as principais questões em relação a … a luta indígena? É luta pela demarcação né?

XXXX – É… O primeira coisa pra nós trabalhar, pra nós viver em paz, pra nós ter as coisas… tem que ser a terra. A terra tem que tá em dia. A terra tem que tá documentado. A terra já tem que passar como… Pra ele… pra nós se tranquilizar, e dentro daquele se tranquilizar já a área, lá dá pra trazer projeto… Aí já, já tem jeito da gente plantar… Mas se não tá organizado como é que você vai trazer? Como é que você vai plantar, ou como é que você vai…. a começar a abrir, ou começar a erguer o barraco? Como?! Como?! É que não tem garantia, né? Uma hora o fazendeiro entra na justiça e como é que… Esse que tá agora. O Pindoroquê tava na mão da justiça. Tá por esses dia, diz que vai ter despejo. Já tá o papel na mão das pessoa aqui no, aqui na, aqui na… na Funai, né? Já tá.

L – E.. Qual é,qual é… Então vocês não tem nenhum… No momento vocês não tem fonte de renda, assim… Alguns de vocês já conseguiu se aposentar? O Senhor já é aposentado?

XXXX – Tem muita gente que tem, mas só que é… Só o nome de aposentar… O valor, o valor que eles ganha não dá nem pra pagar uma calça boa que ele vai vestir… Uma camisa boa que ele vai vestir. O que que é? Uai… 300, 600, 700 com mil ou com mil e duzentos, é… O que que ele vai fazer? Uma roupa boa se você vai apanhar no couro da pessoa, vale 300, 400… Olha e o dinheiro depois? Você tem que pra comprar roupa e pra comprar comida? Você tem que comprar hoje em dia… Você tem que comprar sabão, tem que comprar sal, tem que comprar o óleo… tem que comprar de tudo, né? Aí você não vai plantar, se você plantar é feijão, arroz, milho. Se você não pode você vai ou criar galinha, criar um porco… Isso aí é… não vai comprar. Mas o restante você compra tudo! E hoje você sempre põe na cidade, ou põe na escola a sua criança, você tem que comprar de tudo, né? Pras Criança! Como é que a criança vai de pé no chão? Como é que a criança vai do jeito que eu to andando aqui? Vai entrar na escola? Não pode, você tem que ter aquela roupa mais ou menos pra criança entrar na escola, né? Então toda essa parte aí, esse dinheiro que recebe… Esse dinheiro que recebe… Ó… Não dá pra nada. Não dá! Não dá! Porque que na cidade…

L- (falando com uma terceira pessoa) Acho que não, vou com as irmãs amanhã… Tá? Obrigada! (risos). Sim, sim… Muito difícil né? Sem renda não dá…

XXXX – Não dá! E nós também não temos a garantia pra nós plantar várias coisas grande… Rama, é milho, é batata. Como é que a gente vai passar só no braço? Como é que a gente vai plantar… Carpinar no braço? Pra deixar limpinho aquela terra pra plantar a plantação? Com o arquero você não cabe, se o arqueiro você vai carpi.. é… quando você chegar no final do arqueiro lá… primeiro aonde você carpi já está tudo desse tamanho de novo! Então não tem… Você tem de plantar naquele pedacinho aonde dá pra você plantar… É… Assim que é a nossa vivência aqui. Eu não sei que tudo é assim ou não, né? É… toda essa parte aí de, de… É...

L – E o senhor acha que com isso, com essa dificuldade assim, fez vocês perderem um pouco da cultura?

XXXX – É, foi, foi… E hoje, hoje em dia… É isso aí que eu acabei de dizer… Acho que da metade da nossa conversa, eu tava falando agora. Hoje nós tá seguindo já, né?… Todo… 80 nós já começamos a misturar, eu falei, né?

L - É, falou…

XXXX – É… Começamos a misturar! Aí já não… A nossa cultura, o nosso jovem já não segue mais. Segue mais só a cultura do branco. A cultura do branco, a igreja… outras coisas mais, né? É, começa a seguir por aí... E nós fica aí, a nossa cultura fica de lado, a nossa cultura fica parado. Se você insistir muito com a filha, com o filho, fala: “Ah pai! Porque lá tem muitos anos. Aquilo lá já não existe mais, aquilo já acabou! Aquilo lá já era!” Ele fala… Ele leva mais pra frente, vem mais na mente a vida da sociedade branca né? É… o carreiro que o branco tá seguindo, né? Vai a qualquer lado, né? E com a criança não adianta você obrigar, né? Se você obrigar começa até a achar ruim, né? Então você tem que ter… É como diz, é...tem que saber pela metade, se não é pela metade não tem nada a ver…

L – E com relação a … envolvimento assim. De população indígena também busca assim, querer se casar com branco? Ou isso até que não…

XXXX – Isso aí olha… Índio mesmo eu acho que não casa a branca. Índio não… Muito difícil você achar… Casar com branca. Qualquer aldeia demarcado, qualquer aldeia atual, primeira coisa é índia casa com branco. A maioria é índia casada com branco. Eu não sei por que… Eu não sei que eles gosta mais do branco… Eu não sei dizer, eu não pode dizer… cada um na sua pensamento né? Cada um com o pensamento daquela pessoa, né? Ela é aquela menina, a outra menina e não sabe… Tem essa parte aí que nós…

L – Mas isso também faz perder um pouco, né? Da cultura…

XXXX – Mas claro! Claro… Aí se o, o se o marido é... tem a religião dele, e a mulher já começa a seguir, é… a parte da religião do marido, né?… E já não quer mais misturar com a religião do pai e da mãe, né? E já não quer mais misturar com a cultura do pai e da mãe… Tudo isso aí é o nosso mais, mais… é… Como diz assim… é um senti… pra nós mais antigos, é um sentimento que muito, como a gente vai chegar naquele tempo em que a gente vivia com mais tranquilidade. Mais tranquilidade é na época de 40, na época de 50. Porque você escutava a ensinação (ensinamento), era só, só… vinha da mãe e do pai… Que ensinava… filho você tem que viver desse, filha você tem que viver desse jeito. Você tem que respeitar os outros… Tudo vinha do pai e da mãe… Hoje não pode bater, você não pode educar nem o filho! Se você começa a bater você já… alguém te anunciar o pai vai preso… Aí a menina e o menino fica batendo palma, né? Ó, aí o pai foi preso, a mãe foi preso porque me bateu. Aí aquela criança vai criando asa. Vai criando a maior… as coisas desagradável, ele começa a levar pra frente, né? Aí então… tudo isso aí nós temos hoje. Hoje em dia, né? Todo nós temos. Então essa parte aí pra nós é difícil, menina. Eu não sei como é que a gente vai chegar num ponto, pra voltar pelo menos na metade, né? Eu acho que não volta mais não… Eu, eu, eu digo. Eu digo mesmo. Eu acho que não volta, não volta mais não.

É não vai voltar porque é dificil de voltar. Como é que vai voltar? Se a menina gosta de um branco, de um rapaz branco… Você é duro de dizer, não, não casa com ele lá, né? O índio não, o índio já não casa. Opa! (cai o microfone). O índio já não casa… O índio não casa… muito difícil casar… com o branco… com a branca, né? Eu não sei também se a branca não gosta do índio… eu não sei. Eu não posso dizer nada… Essa parte eu não posso falar nada… Porque eu não vejo muito dentro da aldeia o branco… A branca casar com o índio, né? Muito difícil… Agora, a branca não…

L – E quando a branca casa… a índia casa com um branco… Ele vai pra aldeia ou ela vai… Ela mais sai não?

XXXX - É sai nada... fica na aldeia… Aqui eu vou te mostrar… aqui tem seis! Aqui é… Eu vou te mostrar uma menina branquinha… que tá por aqui hoje… Aquele lá e o filho do gaúcho. É, ele mora aqui. Ele mora aqui na Pirakuá. E com tanto luta…

L – Esse rapaz que é uma das lideranças também, ele tava com o microfone, eu não sei o nome dele. Ele é mestiço também ou ele é índio?

XXXX – Olha…

L – Eu não sei o nome dele… Um que me chamou lá na frente pra falar lá…

XXXX – O Antoniel?

L – Isso, eu acho que é o Antoniel…

XXXX – É mestiço… É mestiço, eu não to dizendo pra você… É mestiço…

L – É, porque ele tem o olho bem claro.

XXXX - É, o pai dele é o gaúcho. A mãe dele é índia. Uma índia que tá bem velha já… Tem bastante…

L – E como é que é, assi? Ele é visto como… Como é essa questão do mestiço assim…

XXXX – Olha é um mestiço, como dizem. Casa com a mulher solteira, não tem criança. Aquela moça, aquela menina, ou é a mulher que já idade e vive com aquele homem, com aquele homem branco e começa a … não é? É... como dizem, a ganhar aquela criança do marido né? Aí tem muito causo também nós tem problema nessa parte. O que tem de… tem vez que ele trata bem o marido… ou a mulher. E tem vez que não trata a mulher, né? Começa a judiar e começa a viver com aquela mulher só pra passar o, né? Assim que é também a nossa vida aqui. É. Assim que nós trabalha… Que nós trabalha eu digo assim que a gente vive aqui. Então toda essa parte aí nós temos o maior… sacrifício, o maior preocupação que nós tem…

(começa a falar em Guarani)

XXXX- Ó aí… então essa parte aí que tá… Agora eu não sei… Agora essa parte aí é porque tem… Daqui a pouco eu vou mostrar o meu genro que tá aqui também… O Arnaldo…

L – Aham…

XXXX – Ah, é a minha neta é casada com tudo branco. E mora dentro da aldeia… Eu já falei pro pai, aí a mãe… a minha filha saiu e falou: “Pai, se eu tocar a sua, a sua, a sua neta… Se eu tocar o marido da sua neta. tenho que tocar também a sua neta.”. E como é que… Então aonde que começa, como diz… é… complicar a vida de moradia dentro da aldeia, sabe? Então toda essa parte aí, nós temos aí, né?

L – E a questão da religião? Porque, o senhor acha que o cristianismo, a religião evangélica também atrapalha?

XXXX – Atrapalha, atrapalha atrapalha bastante…

L – Eu vi que ontem teve um pouco um… um conflitozinho… Eu não entendi porque eu não entendo a língua…

XXXX – Não, não, não… Com essa aí falaram de verdade. De verdade. Todas as nossas crianças, os netos hoje em dia. Isso aí que eu acabei de dizer pra você agora… Não segue mais a nossa religião… Seguem o caminho daqueles da sociedade… Pra não falar as coisa errado, pra não prejudicar a palavra o lado da sociedade. Quando a gente vai conversar, quando a gente vai falar, não é… tem pessoa que pode falar: “É não sei o quê!” Não é assim que vamo gravar, vamo deixar a gravação, mas quem entende vai entender aquela pessoa explicou, não explicou assim… É… Falando as coisas desagradáveis … quando vai é… vai apoiando um… (inaudível) vai fazer uma matéria já defendendo… Não sei como que vai fazer a matéria... pra não ficar desagradável naquela matéria, sabe? Porque olha, a religião… é isso o que eu acabei de dizer pra você. Se o marido é crente, ele tem que seguir… Não é? tem que seguir, seguir o marido, não é? Se o marido, é, como é que a gente fala… ele é crente né? Mas se ele tá agora católico também pode seguir a igreja católica também… Pode não, ele segue! Tudo isso aí nós temos a nossa… A nossa briga aqui…

L – E é tão importante a religiosidade, né? O contato com o ancestral, com a natureza né?

XXXX – Essa aí que eu queria falar com você… Essa aí que eu queria explicar pra você. Essa aí que eu queria saber! É sociedade branca... a igreja to dizendo… não a sociedade, a igreja… Porque o índio vai na cabeça, daí que ele tira aquela, aquele dinheiro do pãozinho da criança dele… Ou o leite daquela criança… Do filho pra comprar com aquele dinheiro… Não… Ele leva e paga pra igreja. Ele paga a oferta, né? Então… essa oferta vai pra quem?

L – Não vai... Se for a igreja católica, algumas diz que vai assim, pra fazer ação social, igual aqui, as irmãs aqui que trouxeram comida, não sei o quê… Esse dinheiro é do dízimo que as pessoas dão e aí vai pra fazer obra social… Isso é o que eu sei, até onde eu sei da igreja católica. Agora... Mas vai também pra pagar a alimentação dos padres.., isso tudo. Agora, pras igrejas evangélicas é pior. Pras igrejas evangélicas os pastores estão ricos, milionários entendeu? Porque eles arrecadam muito dinheiro.

XXXX – É milhões, é porque tá espalhado pra cá, tá espalhado pelo mundo aí, não é? Todo espalhado!

L – Isso, isso, isso… isso mesmo. Eles tem fazenda também. Eles tem helicóptero, jatinho… isso tudo. Complicado, complicado. E eles não tem obra social.

(inaudível).

XXXX- Essa aqui é o último do pai.

L – É sua filha…

XXXX – É, essa aqui é minha filha. Essa aqui é do Itaguá , menina… É uma moça bonita do pai…

L – Oi que linda! Quantos anos ela tem?

XXXX - Ela tá com um ano e pouco!

L – Ó… coisa linda!!

XXXX – Essa quando me viu é…

L – O senhor tem quantos filhos? O senhor tem quantos filhos?

XXXX – Três… Menina eu tenho quatro. Guri eu tenho cinco. Guri homem… Aqui tem dois comigo né? Aquele que tava aqui na janela e outro tá por aí também… O mais novo né? O mais novo de tudo ficou de caseiro pra nós lá… Agora ficou com o irmão mais velho né? Aquele lá tá com vinte e poucos anos o guri… Não casou ainda também… Agora a menina que deixou pra trás, porque a menina tá com dezesseis anos e já casou.

L – Dezesseis? Ah ela foi rapidinha…

XXXX - É, já casou…

L – E o senhor tá com quantos anos? O senhor?

XXXX – Eu to com oitenta e um. É, oitenta e um anos. É… mas também quando e fui ficar com a mãe eu já tinha é… eu já tava com setenta e poucos anos…

L – É mesmo?

XXXX- É… é, é… Mas essa aqui é a última.

L – (risos) linda…

XXXX – Então….

L – Tá bom…

XXXX – Aí como eu dizia… eu não sei como é que vamo deixar… É assim, eu hoje to preso… Hoje eu to preso ainda. To preso…

L – Qual… por que você diz que o senhor tá preso ainda?

XXXX – Uai, to preso porque ó ai, é… daquela matação dizem…da polícia Estadual, né? Esse fato que aconteceu no Passo Piradiú né? É, e não me largaram ainda… Eu não tenho juri, não tenho nada ainda.

L -Sei… então o senhor tá em liberdade condicional, essas coisas…

XXXX – É tô, mas só que… a cada três em três meses eu vou lá assinar, né? Só que o que eu queria perguntar assim pra você, é quando tem um juri, é juro… Como é que fica esse juro?

L – Como é que fica? Bom…

1. I think this should be Passo Piraju, which is a G-K “tekoha” (community), located on the Rio Dourados, between municipios of Dourados and Laguna Carapã. See <https://cimi.org.br/2019/06/indigenas-guarani-kaiowa-vao-a-juri-nesta-terca-feira-dia-4-em-processo-sobre-conflito-ocorrido-em-2006/> [↑](#footnote-ref-1)
2. This refers to a 2006 case that was eventually decided in 2019. See <https://cimi.org.br/2019/06/indigenas-guarani-kaiowa-vao-a-juri-nesta-terca-feira-dia-4-em-processo-sobre-conflito-ocorrido-em-2006/> [↑](#footnote-ref-2)